

Crítica ontológica ou pretensa crítica de lugar nenhum

Ontological critique or the pretentious claim of critique from nowhere

María Fernanda Escurra* 

Resenha do livro *Teoria social, verdade e transformação: ensaios de crítica ontológica*, de Mario Duayer.

“Na crítica ontológica de Marx, as ciências sociais, em lugar do eterno aperfeiçoamento deste mundo, cada vez mais inalcançável, implausível, papel que elas assumem com triste ou animada (e bem remunerada) resignação, deveriam contribuir para a tarefa que é hoje um imperativo, a saber, reconstruir o sistema de crenças em que outro mundo pode ser descortinado, concebido”.

M. Duayer (2023)

São poucas as páginas destinadas para escrever a resenha de um livro, aspecto que, neste caso particular, certamente, torna a tarefa um pouco menos difícil. Essa missão permitiu revisitar textos que muito contribuíram e contribuem para a minha formação crítica e foi aceita na perspectiva que transcende os contornos objetivos de resenhar uma obra, pois, para mim, constitui uma homenagem a Mario Duayer¹.

Desejo que seja extensiva a parte significativa do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da UERJ, docentes, pesquisadores, colegas técnicos e estudantes, que tiveram a oportunidade de conviver com ele, com seu bom humor, sua ironia, contribuição intelectual e

¹ Homenagem que faço extensiva à Malena Escurra Paixão Oliveira, minha filha, que conviveu sua infância com Mario e de quem ele estaria orgulhoso ao ver a adolescente que hoje é.

RESENHA

<https://doi.org/10.12957/rep.2025.89053>

*Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
E-mail: mfescurra@gmail.com.

Como citar: ESCURRA, M. F. Crítica ontológica ou pretensa crítica de lugar nenhum. *Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 58, pp. 223-228, jan./abr., 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/rep.2025.89053>.

Recebido em 15 de outubro de 2024.

Aprovado para publicação em 03 de novembro de 2024.

Responsável pela aprovação final:
Monica de Jesus César.



© 2025 A Revista Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

política, na qualidade de professor visitante, no período compreendido entre os anos de 2011 a 2016. Sem dúvida, sua passagem pelo Programa resultou em contribuições na perspectiva de uma reflexão crítica, não isentas de debates, controvérsias, dilemas e divergências, na medida em que interpretações de Mario Duayer – tendo o pensamento marxiano como referencial teórico – colocavam abertamente em questão algumas posições defendidas pelo Serviço Social a partir desse pensamento e da tradição marxista.

De perto, no decorrer de 2015, tive o privilégio de acompanhar a organização desta obra pelo próprio Mario, conversar com ele a respeito, admirar o entusiasmo e zelo investido neste projeto editorial. O livro intitulado *Teoria social, verdade e transformação: ensaios de crítica ontológica* só chegou ao público em setembro de 2023, mas o autor não conseguiu ver concretizado o projeto por ter sua vida cruelmente arrebatada, aos 73 anos, de forma repentina, na noite do sábado 16 de janeiro de 2021, no contexto da Covid-19, como mais uma vítima do descaso do governo fascista e negacionista de Bolsonaro.

Também tive a oportunidade de admirar a atenção e o estudo rigoroso que dispensava ao desenvolvimento de cada ideia que resultava em formulações originais, as quais, como ele bem dizia, não poucas vezes lhe provocara solidão entre muitos de seus pares. Todavia, decerto seus escritos deixam transparecer tratar-se de um intelectual original que fugiu a todo e qualquer tipo de modismo, simplificação e produtivismo que, de forma avassaladora, caracteriza parte importante da academia e das ciências sociais em nossos tempos.

Mario era uma pessoa generosa, extremamente cuidadosa em relação aos seus afetos, detalhista e com um senso de humor peculiar. Atribuía suas habilidades ao bom desempenho em atividades domésticas, especificamente para a instalação e o conserto de aparelhos, à sua graduação em Engenharia Industrial Mecânica, aspecto que, segundo ele, constituía a contribuição do curso de graduação para a sua vida. Com doutorado e dois pós-doutorados no exterior, professor titular aposentado da Faculdade de Economia da Universidade Federal Fluminense, foi professor visitante em outras universidades do Brasil. Ensinou a pensar criticamente, influenciando, de forma direta e indireta, gerações de estudantes, professores e pesquisadores marxistas. Desenvolveu um trabalho intelectual caracterizado por um estilo próprio, rigoroso, exigente e provocativo, cuja contribuição fica entre nós em inúmeros artigos, capítulos de livros e ensinamentos originais.

Em meados dos anos 1990, Mario Duayer participou ativamente do processo de organização e fundação da Sociedade Brasileira de Economia Política – SEP, atual referência internacional no âmbito da teoria econômica crítica e heterodoxa. Uma de suas características era agregar e investir com enorme entusiasmo na organização de grupos de estudos e pesquisas, tarefa que desenvolveu de forma incansável nos diferentes espaços acadêmicos que integrou, como foi o caso do Grupo de Estudos e Pesquisas em Ontologia Crítica – GEPOC, grupo interdisciplinar inicialmente criado na Universidade do Estado do Rio

de Janeiro - UERJ em 2011, passando a partir de 2017 a estar vinculado à Faculdade de Economia da Universidade Federal Fluminense, GEPOC – UFF, com coordenação compartilhada com o professor Paulo Henrique Furtado de Araujo.

Sua atuação teve relevância no pensamento crítico marxista, com ênfase na filosofia da ciência, crítica da economia política, teoria social crítica e crítica ontológica. Rigoroso estudioso de Marx, também foi responsável pela apresentação e divulgação, no Brasil, de autores como Bhaskar, Lukács e Postone, sendo um dos tradutores e supervisor editorial dos *Grundrisse*, de Marx; um dos tradutores de *Para uma Ontologia do Ser Social I*, de Lukács (2012); e colaborador na revisão técnica de *Tempo, Trabalho e Dominação Social*, de Postone (2014).

O presente livro conta com prefácio de Virgínia Fontes, apresentação de Maurício Vieira Martins e orelha de Eleutério Prado, autores que, nos seus textos, já deixam transparecer a originalidade e profundidade da crítica e das reflexões fundamentais que o pensamento radical de Mario Duayer traz no contexto de filosofias conservadoras, de negação da possibilidade de conhecimento objetivo, em que o capitalismo aparece como o fim da história.

A obra, antecedida de prólogo, reúne a seleção de dez ensaios e um apêndice, escritos e publicados anteriormente com os mesmos títulos, em diferentes momentos, na procura de respostas para distintas questões unificadas pela crítica ontológica que estimulou e orientou a atividade de pesquisa do autor, com base em três interrogações principais: historicidade, trabalho e ontologia. Tal crítica

não representa apenas uma afirmação da ontologia, mas, em seu exercício, demonstra sob diferentes ângulos que o espírito antiontológico hegemônico mal dissimula uma ontologia do existente [...] funciona como antídoto contra o ceticismo secretado pelo antiontologismo de fachada. Contra a ideia de que o nosso conhecimento, por ser histórico, não pode ser objetivo. Contra o corolário desta ideia, tão nefasto quanto ela: que a crítica é impossível e, portanto, quando exercida, é ‘autoritária’. Contra a submissão voluntária, subentendida por tal ideia, ao mundo imediatamente dado, à vida social regrada pelo capital (Duayer, 2023, p. 24).

Mario Duayer procura mostrar, já no primeiro ensaio desta obra, que Marx não concedia primazia à crítica de natureza lógico-gnosiológica, tratando, ao contrário, de ressaltar a natureza ontológica do pensamento de Marx, assim como desvelar em várias passagens a pretensa anulação de todo critério de verdade por parte da chamada filosofia pós-moderna, aspecto que se faz cada vez mais presente nos dias atuais. Porém, como bem lembra o autor, Marx, tendo antecipado muitas questões, “decerto não poderia ter antecipado a época, a nossa, em que impera uma completa licenciosidade ou indiferença em relação às modalidades de discurso” (Duayer, 2023, p. 32).

Em diferentes ensaios, o autor defende sua tese principal sobre “crítica genuína e crítica ontológica” com base na análise dos argumentos básicos utilizados por autores “pós-positivistas” (como Kuhn e Lakatos) contra posições sobre a natureza da ciência e da explicação científica da tradição positivista. Entretanto, como ele demonstra, se bem a corrente pós-positivista afirma o fundamento ontológico de todo sistema teórico, na sequência, declara-o negócio privado de cada sistema. Diante disso, “as figurações de mundo assim produzidas são incotejáveis. Relativismo ontológico que não passa de outra maneira de negar as objetividades do conhecimento” (Duayer, 2023, p. 25), na medida em que defende a incomensurabilidade das posições ontológicas de tradições teóricas concorrentes.

Nesse sentido, em alguns de seus ensaios, o autor contesta e apresenta uma crítica contundente dessa posição, seja na área da filosofia da ciência, seja através da ilustração de suas consequências teóricas na obra de autores que a adotam, como é o caso do filósofo neopragmático Rorty. Para isso, Mario Duayer recorre a autores como Lukács e Bhaskar, os quais, nas suas obras, sustentam a objetividade do conhecimento e afirmam a necessidade de incorporar as questões ontológicas, assim como a contestação do relativismo subjacente de modo explícito. Inclusive, deve-se ao autor o esforço de aproximação teórica, presente em vários dos ensaios do livro, da ontologia de Lukács (2012) e da reinterpretação do pensamento marxiano sustentada por Postone (2014). Ademais, cabe ressaltar que, em outro ensaio, o autor denuncia, de maneira extremamente interessante, que o relativismo ontológico representa uma estratégia de grande utilidade ao capitalismo,

com sua ênfase na diferença, na identidade e no pluralismo. O capital pode tolerar todos os particularismos, todas as diferenças, mas promove objetivamente sua dissolução; só não admite a abolição da diferença que infla as particularidades: a diferença de classe, universal da sociedade do capital. Mas esse universal que o capital, por sua própria natureza, não pode abolir é precisamente aquele que, apesar da dureza de sua realidade, o relativismo ontológico proíbe tematizar e, por conseguinte, abolir. Ao assumir, paradoxalmente, o capital (o positivo) como seu absoluto, o relativismo só pode promover aquilo que Ahmad chama de ‘política da Diferença infinita’ (Duayer, 2023, p. 85).

Jorge Luis Borges também comparece na discussão com alguns de seus ensaios trazidos por Duayer para provar que, inclusive na literatura e na ficção, corrobora-se a natureza objetiva do conhecimento do mundo. Em contraposição, ele mostra que tanto no caso do positivismo lógico quanto nos próprios pós-positivistas, a defesa da impossibilidade do conhecimento objetivo significa atribuir à ciência o papel de procurar estruturas e relações estáveis para a construção de teorias preditivas, assumindo, com isso, evidente papel instrumental. “E ser instrumental é ser eficaz no mundo em que emerge e que, por isso mesmo, contribui por reproduzir. Ciência sempre a serviço do existente” (Duayer, 2023, p. 26).

É importante enfatizar que os ensaios evidenciam novas possibilidades para pesquisas no campo da teoria social com base no estudo em ontologia crítica e propõem superar as análises tradicionais e reducionistas de Marx. O autor defende que é evidente a crítica ontológica cuja teoria de Marx subentende, portanto,

[n]ão pode ser teoria para administrar este mundo. É a negação e, por essa razão, é afirmação de sua historicidade e transitoriedade. Mas não sendo teoria de gerenciamento, nem por isso esquece o papel do sujeito. Ao contrário, pretende-se teoria em que o sujeito tem um verdadeiro papel de sujeito: o de construir autoconscientemente a sua história, em lugar de ser o seu eterno espectador. Espectador da história como absoluta contingência (Duayer, 2023, p. 107).

Nessa perspectiva, vários dos ensaios recuperam a fertilidade analítica do pensamento marxiano, o qual permite superar os limites provocados pelas interpretações que o reduzem a questões relativas à exploração, às formas de distribuição e de propriedade, à luta de classes, recuperando a problematização e a análise da natureza do modo de produção capitalista na sua totalidade. Com isso, como sustenta Mario Duayer, o estudo da ontologia do ser social proporciona condições para a apropriada apreensão do trabalho na sociedade moderna, no seu caráter histórico.

O trabalho adquire centralidade sob o capital, na medida em que constitui uma categoria estruturante da totalidade social e que representa uma forma de mediação social constitutiva de suas relações sociais, formulação que, sustentada em Postone (2014), possibilita fundamentar a crítica de leituras que amparam a categoria trabalho em Marx como transistórica. Coerente com essa linha interpretativa, o autor afirma que se trata da crítica do trabalho no capitalismo, ou seja, é concepção negativa do trabalho assalariado, do trabalho estranhado que cria valor, dispositivo fundamental que valoriza o capital.

É crítica do trabalho assalariado, não a sua heroicização. [...] seria apropriado considerar que a crítica de Marx é crítica da centralidade do trabalho. Por conseguinte, pode-se defender que é crítica ontológica do modo de produção, do modo de produzir no capitalismo e, em consequência, consiste de uma figuração do mundo – de uma ontologia – em que o sujeito pode emancipar-se da escravização à dinâmica descontrolada de seu produto como capital (Duayer, 2023, p. 156).

Tal concepção de Marx, negativa do trabalho no capitalismo, como ressalta Duayer com base nos termos formulados pelo teórico norte-americano Postone, constitui uma crítica do trabalho no capitalismo, crítica que se dirige aos pressupostos estruturais, à sociabilidade fundada no trabalho, crítica que refigura o mundo de forma radical e profunda. Em oposição, a crítica do ponto de vista do trabalho é a crítica positiva

que se circunscreve a propor a organização mais ‘humana’ do trabalho no capitalismo, ou seja, o trabalho historicamente específico, devidamente hipostasiado. Apesar de sublinhar a possibilidade e necessidade objetivas desse tipo de crítica, inclusive de sua genuína busca de solução para os problemas sociais, indica seu limite. [...] Procura, nesse contexto, estabelecer a diferença entre crítica negativa e positiva, entre teoria social positiva e teoria social negativa (Duayer, 2023, p. 156).

Buscou-se, sabendo dos limites deste espaço, apresentar algumas das muitas questões instigantes presentes nos ensaios. Cabe registrar que o título desta resenha inspira-se no romance utópico *Notícias de lugar nenhum: ou uma época de tranquilidade*, que traz uma visão imaginária da Inglaterra, depois da revolução socialista, em 2102, lembrando com imenso carinho o primeiro presente que recebi do Mario. Fazendo uma analogia e salvando a grande distância da riqueza e beleza do livro escrito pelo socialista William Morris, autor desse romance, afirma-se, com base na defesa explícita de Duayer, de uma perspectiva ontológica, que sempre se fala de “algum lugar, e esse lugar é ontológico” (2023, p. 25). Portanto, inexiste a possibilidade de um vácuo ontológico. E, mais ainda, como ele bem mostra, a defesa de uma posição neutra confirma a presença de uma ontologia conservadora implícita.

Por último, os sentimentos que resultam ao ter a possibilidade de recomendar a leitura desta obra são de alegria, convicção e tristeza na mesma profundidade: alegria pelo que este projeto significava para Mario; convicção pelo reconhecimento da relevância do seu conteúdo em tempos cada vez mais sombrios e da necessidade de restaurar a crítica marxiana como crítica ontológica; e tristeza sem limite pelo que ele representou na minha vida e por não estar mais entre nós...

Referências

DUAYER, M. *Teoria social, verdade e transformação: ensaios de crítica ontológica*. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2023.

LUKÁCS, G. *Para uma ontologia do ser social I*. São Paulo: Boitempo, 2012.

MARX, K. *Grundrisse*. Manuscritos econômicos de 1857-1858. Esboços da crítica da economia política. São Paulo: Boitempo, 2011.

MORRIS, W. *Notícias de lugar nenhum: ou uma época de tranquilidade*. Um romance utópico. São Paulo: Editor Fundação Perseu Abramo, 2002.

POSTONE, M. *Tempo, trabalho e dominação social: uma reinterpretação da teoria crítica de Marx*. São Paulo: Boitempo, 2014.